

Os nomes de algumas pessoas mencionadas neste livro foram alterados.

Fotografia da Cidadela de Alepo, na segunda página do extratexto, de Flickr por Johan Siegers CC BY2.0

Fotografias restantes, cortesia da Família Alabed

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Dear World*

Autora: *Bana Alabed*

Copyright © 2017 by Bana Alabed

Edição portuguesa publicada por acordo com Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Rita Carvalho e Guerra/Editorial Presença*

Capa: *Cortesia de Simon & Schuster*

Paginação: *Susana Rainho Monteiro*

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 431 703/17

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2017

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Dedico o meu livro a todas as crianças que estão  
a sofrer numa guerra. Não estão sós.*



Onde há esperança,  
há vida. A esperança enche-nos  
de coragem reforçada e  
faz-nos sentir fortes de novo.


ANNE FRANK





Foi num dia perfeito de junho que vieste ao mundo, Bana. Um dia quente, soalheiro e sem nuvens. Olhei pela janela do quarto do hospital, com as mãos pousadas na barriga inchada, e senti-te a dares pontapés e a contorceres-te, como se estivesses impaciente e quisesses estar já cá fora. Pensei então que não podia haver um dia mais perfeito para começarmos uma nova vida. Por um minuto, esqueci as dores do trabalho de parto e o meu receio do que estava para vir — em vez disso, pensei em como estaria em breve sentada nesta cama, a apertar-te com força nos braços, e em como verias este mesmo sol forte pela primeira vez, como sentirias o seu calor no rosto; nos preciosos primeiros momentos da tua linda vida.

Tínhamos esperado muito tempo por ti. Não só o teu pai e eu, mas também todas as tuas tias e todos os teus tios, e especialmente os teus avós, que estavam desejosos de ter o primeiro neto. Quando o meu pai combinou o meu casamento com o baba, as nossas famílias concordaram que o adiaríamos até eu acabar os estudos. E depois quisemos ter algum tempo para sermos um casal, para nos conhecermos melhor um ao outro antes de termos filhos. Mas, como o Ghassan e eu somos os filhos mais velhos em ambas as famílias e fomos os primeiros a casar, toda a gente estava pronta para um novo bebé e para que nós déssemos início à geração seguinte.



E por isso, quase desde o primeiro dia a seguir ao casamento, em todos os jantares ou visitas à família, alguém — especialmente a avó Alabed — insistia inevitavelmente: «Já é altura de haver um bebé.»


O que não sabiam era que eu estava a ter dificuldade em engravidar e tivera de consultar muitos médicos, ao longo de mais de um ano. A cada mês que passava sem que acontecesse, sentia-me cada vez mais receosa de nunca vir a acontecer, de nunca chegar a ser mãe. Um dia, no meio deste ciclo de esperança e de desilusão, o teu baba e eu andávamos a passear na Cidadela de Alepo, um dos meus locais favoritos. Os muros antigos de pedra faziam-me sempre sentir segura e em paz. Alepo é uma das cidades continuamente habitadas mais antigas de todo o mundo, Bana. Sabias isso? Reconfortava-me pensá-lo e sentir-me ligada à nossa história e aos antepassados que andaram neste mesmo lugar ao longo de milhares de anos.

Estava sempre apinhado de famílias e casais e aquele dia não era diferente, com muitas pessoas a desfrutarem de um dos primeiros dias de primavera. Era assim antes da guerra — tantos dias comuns: o teu pai ia trabalhar, eu visitava os teus avós e fazia compras para o jantar, ajudava a avó Alabed a cozinhar, e a seguir íamos dar um passeio depois do jantar.

Custa pensar nisso, agora. Tomámos como certo que as coisas seriam sempre assim, sem maneira de sabermos ou até de compreendermos o que o futuro nos reservava. Não seria possível imaginar, nessa altura, que aquele lugar onde estávamos a passear, que existia há séculos, em breve ficaria praticamente destruído. Mas tudo isso estava ainda no futuro; nesse dia sentíamos-nos felizes.

Sabes que o teu pai pode ser um pouco calado por vezes, mas ficava todo animado quando falava sobre o futuro. Acabara de comprar um berço. Pensei que talvez desse azar, porque eu ainda não estava grávida, mas o teu baba é um otimista. Avança como se o futuro e os seus sonhos e os seus planos estivessem garantidos. É uma das coisas de que mais gosto nele. Naqueles primeiros tempos do nosso casamento passávamos horas a falar sobre a vida que queríamos ter, que era o que estávamos a fazer durante o nosso passeio. À nossa frente, uma menina pequena chamou-nos a atenção. Devia ter cerca de quatro anos. Dava nas vistas, com o seu cabelo comprido e farto, e os seus brilhantes olhos cinzentos. Não conseguíamos tirar os olhos dela, a vê-la correr e rir — o meu coração encheu-se de tal ânsia que quase tombei com o seu peso. O teu pai virou-se para mim e disse que aquela era a criança que imaginava que viríamos a ter: uma filha, uma menina com cabelo comprido, cheia de energia e de riso. Uma menina que cativaria os estranhos. Nesse momento, apoderou-se de mim uma sensação de calma. De algum modo, soube que engravidaria; soube que tu virias. E que serias uma menina que toda a gente adoraria.

Há um número tão reduzido de pertences preciosos que conseguimos trazer da Síria — algumas velhas fotos de família, um exemplar do nosso convite de casamento, madeixas do primeiro corte de cabelo, tuas e dos teus irmãos, e o teste de gravidez que fiz no dia em que descobri que te ia ter. Mesmo agora, sempre que olho para a linha azul desvanecida, recordo a sensação que tive nesse dia — quando estava empolgada com a ideia do futuro. Quando soube que



ia finalmente ser mãe. A tua mãe. Quando tudo parecia possível e o futuro não tinha limites.

Nove meses depois, quando te puseram nos meus braços, prendeste os teus enormes olhos castanhos nos meus e eu senti um choque de amor tão forte que foi como se uma corrente elétrica estivesse, de facto, a percorrer-me o corpo. Primeiro, rezei a Alá para que tivesses saúde e um bom espírito. Disse a minha oração preferida do Alcorão: «Busco refúgio no Senhor da Alvorada, contra o mal daquilo que Ele criou, contra o mal das trevas quando o dia se põe, contra o mal dos que sopram nos nós, contra o mal de um invejoso quando inveja.» Repetira este versículo em voz alta durante toda a gravidez, porque tinha lido algures que conseguias ouvir a minha voz e queria que nascesses a conhecer Deus. A seguir, inclinei-me e murmurei-te ao ouvido o que sonhava para ti, para que fossem essas as primeiras palavras que tu ouvisses e pudesses a partir desse momento trazer esses murmúrios no coração.

O teu nome significa «árvore», em árabe. Escolhemo-lo porque é um nome forte e queríamos uma menina forte. E tu é-lo, Bana — és forte e és corajosa. E mais sensata do que seria de esperar na tua idade. As pessoas chamam a isso ser «uma velha alma». Vieste ao mundo com uma sabedoria que todas as pessoas à tua volta pressentiam e pela qual se sentiam atraídas. Continua a encher-me de orgulho.

Mesmo em bebé eras muito atenta e observavas tudo à tua volta como se soubesses exatamente o que se estava a passar. Nunca querias dormir, como se não te atrevesse a perder um momento de nada. Quando nos juntávamos com todas as tuas tias e todos os teus tios na casa da avó Alabed, parecias seguir a conversa, com os


teus olhos brilhantes a perscrutarem os rostos de todos, enquanto eras passada de colo em colo e mimada. Todas as pessoas queriam brincar contigo ou levar-te a passear, especialmente o teu tio Nezar. Na brincadeira, dizíamos-lhe que queria sempre levar-te ao parque ou ao mercado porque eras tão engraçada que todas as raparigas bonitas iam querer parar para te admirar e assim ele poderia falar com elas.

Lembras-te de como ficaste feliz quando aprendeste a ler? Só tinhas três anos, minha menina espertal Mas com os teus dedinhos rechonchudos traçavas as palavras nas páginas dos teus livros favoritos, enquanto mordias o lábio, toda concentrada, e pronunciavas cuidadosamente cada palavra.

Isto faz-me muito feliz — a tua curiosidade e o entusiasmo que sempre sentiste por aprender — porque nisso saís a mim. Eu adorava a escola. Uma das minhas recordações favoritas da infância é a de quando era só um pouco mais nova do que tu és agora e comecei a ir à escola. Ficava tão excitada quando a minha mãe, a tua avó Samar, ia buscar-me para regressarmos a casa a pé todos os dias, uma caminhada de vinte minutos, e eu podia falar-lhe sobre tudo o que estava a aprender — contar-lhe que já sabia escrever o meu nome e fazer somas com dois algarismos e dizer as horas. Dava a sensação de que não conseguia aprender tudo o que queria saber tão depressa como desejava. Tu também és assim.

Quando eu estava a ensinar-te a ler, imaginava como daí a poucos anos seria eu que te acompanharia à escola. Como ansiava por isso, pelos dias em que tu me agarrarias a mão e me dirias tudo sobre as coisas excitantes que andavas a aprender.





Como passaríamos em revista os teus trabalhos de casa, todas as noites, à mesa, enquanto eu fazia o jantar. Nunca imaginei que não poderias ir à escola, porque todas as escolas seriam destruídas. Que, em vez de te sentares à mesa a fazer os trabalhos de casa, estaríamos acoradas debaixo dela, enquanto as bombas caíam à nossa volta. Du que, ao chegares aos quatro anos, a tua infância — a infância segura, feliz e pacífica que todas as mães sonham para os seus filhos — se afundaria num pesadelo.

Tiveste três anos perfeitos na Síria, Bana. Espero que nunca percas essas recordações de antes da guerra — nadar com o baba na piscina; cantar as canções tontas que tu e a Yasmin gostavam de inventar; suplicar-nos que te deixássemos andar na roda gigante; e sentir o ar cheio do doce perfume do jasmim, no nosso pequeno jardim, na varanda.

Espero que a terra dos teus primeiros anos esteja gravada em ti e que compreendas que, onde quer que estejas, o sangue da Síria e o orgulho do nosso povo te correm nas veias. Quero que te agarres à sensação de estares rodeada pelas tuas tias, pelos teus tios e pelos teus avós, embora estejamos todos separados agora. Quero que esse sentimento de pertença seja uma parte de ti e te faça sentir segura. Que as recordações dos teus primeiros anos de vida felizes vivam sempre dentro de ti, como parte do teu espírito, para te darem força e serem uma fonte de esperança e de coragem.

Guarda no teu coração tudo o que aconteceu antes, Bana; foi lindo.